

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DUAS SEPULTURAS MEGALÍTICAS DOS ARREDORES DE IDANHA-A-VELHA.

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga, Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. *Revista de Guimarães*, 68 (3-4) Jul.-Dez. 1958, p. 317-322.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha

I — Descoberta

Desde a primeira campanha de escavações em Idanha-a-Velha, que, tal como a deste ano, foi subvencionada pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, da ilustre presidência do Ex.^{mo} Sr. Prof. Mendes Corrêa, nos esforçamos por encontrar vestígios de sepulturas megalíticas sem contudo as termos visto. É certo que o reconhecimento arqueológico ainda não está completo; no entanto, algumas pequenas digressões, sobretudo na região granítica, não nos haviam dado nada de interessante até há pouco. Este ano, porém, no terceiro dia de escavações no cemitério romano e ao encontrarmos um sarcófago de granito, muito partido, chamámos o mestre de pedreiros Joaquim Pedroso para o consertar. Este homem, muito conhecedor da região por ser caçador, deu-nos um machado de cobre de tipo primitivo encontrado a cerca de 2.500 metros para Norte da Idanha, já em pleno macisso granítico, e informou-nos que perto do local onde havia encontrado o machado havia um «cancho» de pedras (nome dado na região a um amontoado de grossos blocos de granito), algumas das quais em ponta, e formando uma espécie de abóbada rota. Em face destas informações partimos imediatamente para o local indicado na companhia do homem tendo verificado ao chegar, tratar-se duma sepultura dolménica inclusa numa mamoa em parte destruída pela lavoura.

Um dos homens que nos acompanhavam, ao ver a sepultura, disse-nos conhecer outra igual, mas feita com lages de «piçarro» (nome porque é conhecido o xisto nesta região), cerca de Idanha-a-Velha, num local chamado o Chão da Forca. No regresso da exploração do primeiro monumento fomos ao sítio indicado e deparamos com outra sepultura megalítica, já violada; ao lado jazia um machado polido. É sobre estas duas sepulturas megalíticas que faremos o relato na presente nota.

II—Arqueologia megalítica da região

Alguns vestígios já haviam sido assinalados por Leite de Vasconcellos, Tavares Proença, F. Alves Pereira, Georg e Vera Leisner, etc., em regiões confinantes com Idanha-a-Velha, como na direcção de Idanha-a-Nova, perto da barragem, Medelim, Alcafozes, etc. No museu lapidar de Idanha-a-Velha existem duas placas de xisto antropomorfas (ídolos-placas), provenientes, por certo, dum monumento megalítico destruído, que foram citadas por G. e Vera Leisner, e ultimamente por nós estudadas. No entanto, os vestígios de megalitismo são raros e dispersos por áreas muito grandes, mas servem para demonstrar que a região de Idanha-a-Velha albergou povos neo-eneolíticos. A juntar ao que já é conhecido e apontado, trazemos agora mais esta pequena achega. Toda a área de Idanha-a-Velha deveria ter possuído muitas necrópoles neo-eneolíticas, mas a lavoura dos últimos 50 anos quase tudo destruiu.

III—Sepultura de Corgos—Chão do Braz

Esta sepultura (Est. I e II) fica situada na propriedade do Ex.^{mo} Senhor Marquês da Graciosa e no sítio dos Corgos, perto de Chão do Braz. Construída numa pequena chã, entre aglomerados gigantescos de

granito, ostentava, à data da sua exploração, uns restos de mamoa feita de terra e enormes blocos e lajes de granito. No topo da mamoa afloravam quatro esteios da câmara e um esteio da galeria. O monumento foi violado; os violadores entraram pelo lado da cabeceira; arrombaram-na e retiraram para fora dois esteios; acabaram por tombar um terceiro esteio para o interior da cripta. O monumento em planta apresenta uma cripta muito deformada, pela pressão das terras envolventes, e uma galeria curta e estreita, também muito deformada.

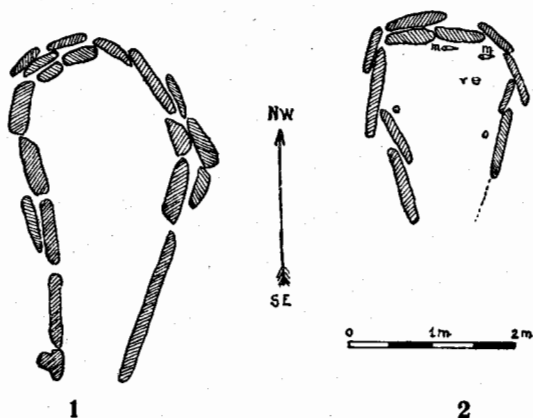


Fig. 1 — Planta do monumento megalítico de Corgos.

Fig. 2 — Planta do monumento megalítico de Chão da Forca.

A cripta é constituída por 8 esteios de granito, reforçados pela parte posterior com duas fiadas, ao alto, de outros esteios. Nunca encontramos coisa semelhante. Nas Caldas de Monchique e no Alentejo, alguns monumentos são reforçados com blocos, esteios, e, até por vezes, com uma espécie de parede argamassada com barro, como nas Caldas de Monchique, mas esta série de esteios em sucessão pare-

ce-nos ser a primeira vez que se encontra. Note-se que isto só se passa na cripta, pois a galeria é como tantas outras que temos encontrado em diversos monumentos da época.

A exploração não nos deu espólio algum; apenas se encontraram fora duas mós partidas que não sabemos se fizeram parte do espólio tumular.

IV — Sepultura de Chão da Forca

Esta sepultura (Est. III) fica situada nos terrenos da Ex.^{ma} Senhora Dona Emilia Franco, a cerca de 500 metros para Nascente da ponte romana de Idanha-a-Velha e no topo dum pequeno terraço da ribeira que desagua no rio Ponsul, perto da referida ponte.

Em planta é constituída por uma pequena galeria coberta, de forma ovalada. Esta galeria tumular tem 8 esteios de xisto foliáceo de pouca espessura e consistência. A mamoa circular, de 8 metros de diâmetro, está quase arrasada. Esta sepultura tem algumas afinidades na construção com as pequenas sepulturas das Caldas de Monchique; porém, o espólio é muito mais rudimentar.

O mobiliário retirado consta de :

Um machado de anfíbolito muito tosco (Est. IV n.º 2 e 3), apenas afeiçoado na parte do gume. Este é ligeiramente ondulado. Comp. 190^{mm}; larg. 40^{mm}; esp. 50^{mm}.

Outro machado, também de anfíbolito (Est. IV n.º 1), apenas polido na parte inferior, tendo as faces alisadas. Gume bem polido. Comp. 130^{mm}; larg. 45^{mm}; esp. 35^{mm}.

Restos de uma vasilha de barro (Est. IV n.º 5). A face exterior tem engobe vermelho e a face interna é negra. Os fragmentos recolhidos pertencem à parte do bordo e restos do

fundo; apenas alguns se ajustam. A vasilha foi toda fragmentada e esmagada pelos violadores.

Pequeno pilão de quartzito amarelado, de forma elíptica, apresentando apenas uma das faces alisadas. Diâmetro maior, 70^{mm}; diâmetro menor, 50^{mm}.

Pequeno disco de xisto luzente, afeiçoado para servir de tampa de vasilha. Diâmetro, 65^{mm}.

V—Machado de cobre encontrado perto da sepultura de Corgos

Este machado é do chamado «tipo primitivo» (Est. IV n.º 4). É plano, ligeiramente peltado, gume bem afiado; talão recto; faces e arestas bem desempenadas. Patina avermelhada, mate, com manchas verdes de alteração nas faces e arestas. Comp. 115^{mm}; largura no gume, 45^{mm}; largura no talão, 30^{mm}; esp. 9^{mm}.

VI—Conclusões

A exploração e estudo destas duas sepulturas vem trazer mais alguns elementos para o conhecimento dos monumentos megalíticos em Portugal e sua distribuição. À medida que as investigações arqueológicas progridem no País, mais nos surpreende a extensão enorme ocupada por este povo ou povos, que deixaram por todos os rincões vestígios de seus monumentos sepulcrais. Embora o espólio seja muito reduzido e pouco variado, pelo tipo de machado de pedra polida, pela sepultura onde se encontravam e ainda pela vasilha rude de forma hemisférica, parece-nos poder atribuir-se ao início da construção de monumentos megalíticos e a uma fase post-neolítica, sem contudo, já se vê, atingir o Eneolítico. Quanto à sepultura de Corgos e machado de cobre encon-

trado perto, julgamos ser já dos começos do Eneolítico, concluindo pois, que as duas sepulturas se podem considerar dentro dum período que vai desde o fim do Neolítico até começos do Eneolítico, o que cronologicamente nos dá 3.000 a 2.000 anos a. C.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA (D. FERNANDO DE) e VEIGA FERREIRA (O. DA), «Placas de xisto antropomorfas do Museu lapidario igeditano (Idanha-a-Velha)», *Rev. Guimarães*, vol. LXVI, Guimarães, 1956.
- ALVES PEREIRA (F.) — «A pedra d'Anta ou um monumento megalítico na Beira Baixa», *O Arch. Port.* vol. XXIX, Lisboa, 1930-31.
- LEISNER (G. e VERA), *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, Lisboa, 1951.
- TAVARES PROENÇA (F.), *Arqueologia do Distrito de Castelo Branco*, Leiria, 1910.
- VEIGA FERREIRA (O. DA) e RODRIGUES CAVACO (R.), «O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIII, Lisboa, 1952.

D. FERNANDO DE ALMEIDA
e O. DA VEIGA FERREIRA



1. — Restos da mamoa de Corgos (limitados pelo traço).

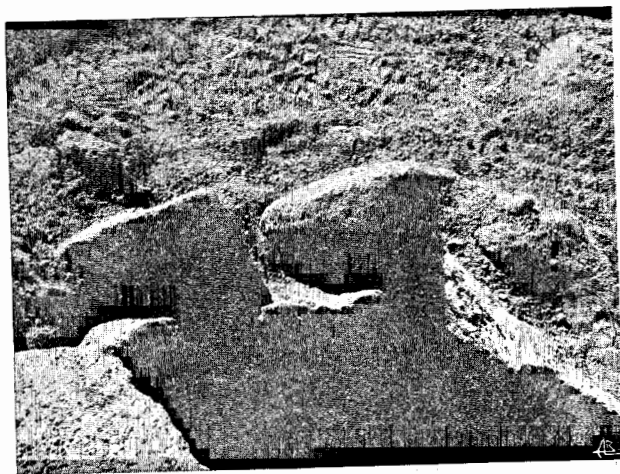


2. — Sepultura de Corgos, vista do lado da galeria.

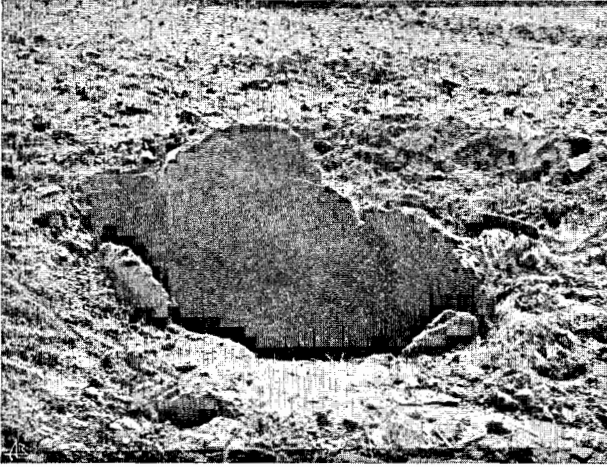
EST. II



3. — *Sepultura de Corgos. A cripta vista da entrada.*



4. — *Sepultura de Corgos. Pormenor da cabeceira da cripta.*

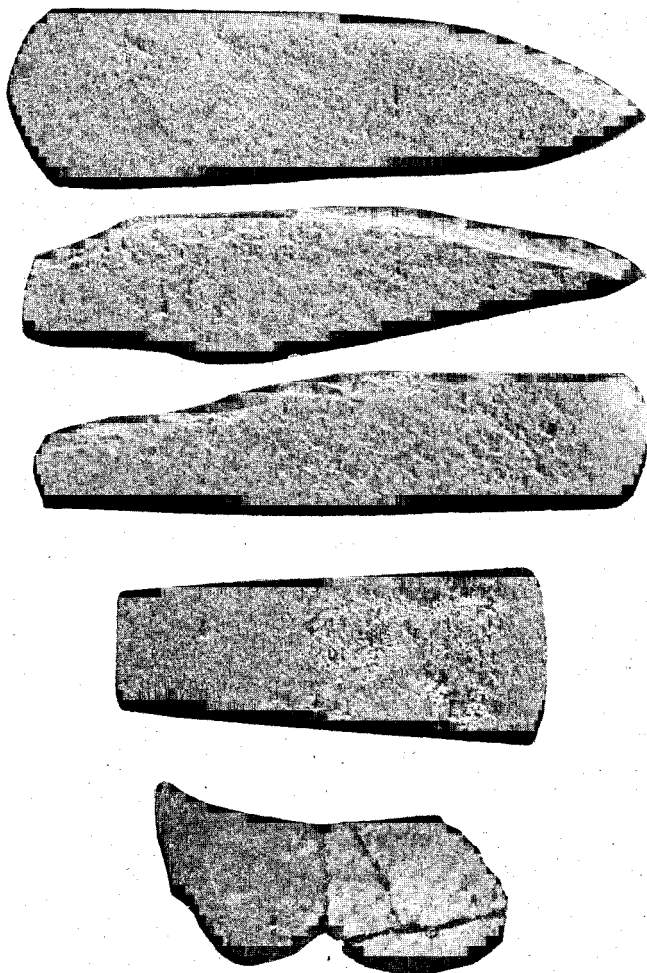


1. — *A cista megalítica de Chão da Forca.*



2. — *Outro aspecto da mesma cista.*

EST. IV



- De cima para baixo: 1— *Machado procedente da sepultura de Chão da Forca (visto de perfil).*
- 2 e 3— *Dois aspectos de outro machado da mesma sepultura.*
- 4— *Machado de cobre da sepultura de Corgos.*
- 5— *Bordo de vasilha de barro hemisférica procedente da sepultura de Chão da Forca.*